



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 712

★ O CÃOZINHO ★

Por ARLETE LOPES NAVARRO

L EONEL fechou a porta devagarinho, depois de olhar, mais uma vez, a mãe, que, deitada na cama, lhe sorriu bondosamente, para lhe incutir coragem.

— «Pobre mãe!... — murmurou baixinho. Com um pé torcido, não pode ir trabalhar durante uns dias, e nós não temos quem nos socorra...»

E depois corajosamente:

— «Deliberei pedir esmola. Dar-me-hão dinheiro e alimentos. Serei eu quem arranjará o pão para comermos.»

E animado pelas próprias palavras que dizia, seguiu pela primeira rua que se lhe deparou.

Depois de uma longa caminhada, trazendo o sacco cheio de pão e de batatas, assim como algumas moedas nas algibeiras do casaco, sentou-se numa pedra a descansar, à beira duma estrada.

Um velhinho, muito curvado, agarrado a uma bengala, apareceu junto de Leonel e, apontando para o sacco do rapazito, disse-lhe arquejante:

— «Tiveste mais sorte do que eu. Tenho fome e não consegui um só bocadinho de pão. Não posso falar, nem andar, de cansaço.»

O pequeno, imediatamente, despejou o conteúdo do seu sacco, no do velhinho que, com os olhos marejados de lágrimas, agradeceu e partiu.

Algum tempo depois, o pequeno, ao voltar a esquina duma rua, foi de encontro a uma garota que levava uma garrafa com vinho.

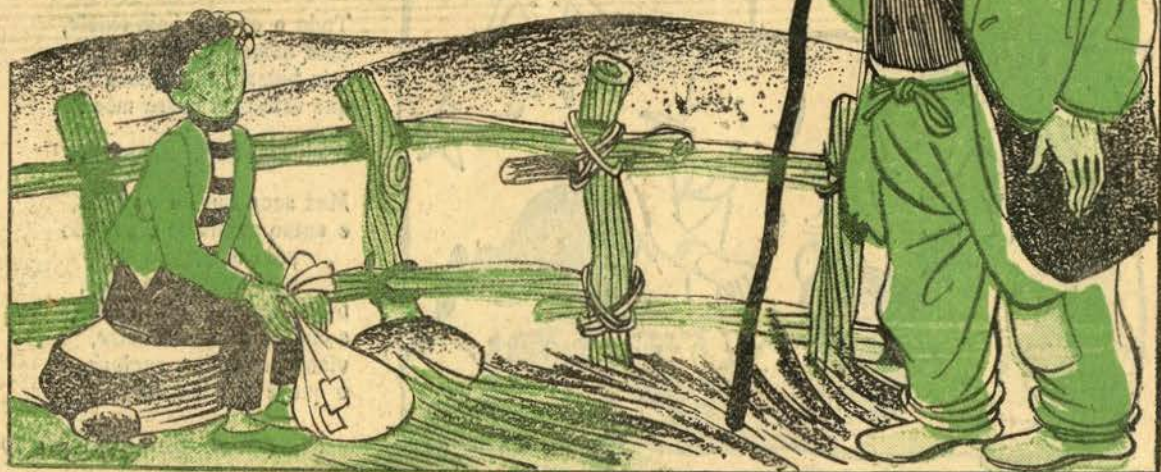
— «Ai, que partiste a minha garrafa! Entornou-se o vinho. Ai, ai, que a minha tia me bate!» — Gritava a pequenita, chorando aflitivamente.

Leonel tirou da algibeira do casaco, as moedas que lá tinha e entregou à

rapariga, que se calou imediatamente, desaparecendo em seguida.

Desgostoso com a sua infelicidade, tirou da algibeira o único pedaço de pão que lá havia e começou a comer, ao mesmo tempo que grossas lágrimas deslisavam pelas suas faces emagrecidas.

(Continua na página 3)



AMOR DE MÃE

Por FELIZ VENTURA

— «Mãezinha, quando eu morrer vou para o céu, pois não vou?»

A mãe, ouvindo-o, tremeu e erguendo o olhar carinhoso, pendido sobre o «tricot», diz com voz sobressaltada, e também quasi sumida, por se sentir comovida:

— «Sim, filhinho, quando fôres já muito, muito velhinho, se continuares a ser em tudo muito bonzinho, decerto irás para o céu.»

Vai o Bêbé respondeu com uma voz desolada onde se notava logo profunda tristeza e pena:

— «Oh! Só quando fôr velhinho?!»

A mãe, mais trêmula ainda, erguendo-se, de repente, toma o Bêbé nos seus braços e abraçando-o docemente disse, cheia de emoção:

— «Filhinho, vou-te contar uma pequenina história e para que ela te fique bem gravada na memória, vais prestar muita atenção:

Houve, uma vez, um menino pequenino e muito louro,

tal qual assim como tu, que era o único tesouro da mãe que o estremecia, desejou ardentemente conhecer de perto o céu; chegou, até, muitas vezes a causar grande arrelia com a sua teimosia. Chorou, tornou-se mauzinho...

Zangou-se e até bateu o seu pézinho com força,

preocupou toda a gente, pois qu'ria ver, sem demora, seu desejo satisfeito. Vai Nosso Senhor, então, mostrou-lhe num sonho aquilo que êle tanto ambicionava.

E viu-se todo rodeado de anjinhos muito branquinhos; ouviu trombetas e harpas, tocando hinos triunfais e viu os santos e as santas



dos páramos celestiais; também viu as estrelinhas a espreitarem, curiosas, pelas janelas formosas dos seus palácios de luz.

E viu o meigo Jesus que, com ternura e amor, veio abraçar o Bêbé, falando com doce voz, porque o bom Nosso Senhor é irmão de todos nós.

E êle ficou, desde então, a viver dentro do céu.

Mas, — ai! — passados uns dias, êsse menino perdeu suas grandes alegrias; isolou-se, entristeceu.

Ê que sentia saudades da sua boa mãezinha que por êle soluçava, longe, na Terra, sôzinha.

Tudo o que de bom existe, tudo quanto o mundo tem, seja beleza ou riqueza que vale sem nossa mãe?

E chorou amargamente...

Mas acordou, de repente, e então sentiu-se abraçado pela mãe, que ouvindo o filho, o seu tesouro, o seu bem, a chorar dessa maneira, vinha perguntar, ansiosa, o que é que lhe acontecera.



(Continua na página 7)

UM CONTO

Por MANUEL FERREIRA

NAQUELE reino longínquo, iam as coisas de mal a pior.

El-rei Suzano não queria saber das suas funções. Só se preocupava com luxos, festas e caducas. Para oferecer um jantar ao monarca vizinho, lançara novo tributo.

O povo vivia oprimido, vexado. Por várias vezes, os ministros faziam-lhe ver, delicadamente, a gravidade da situação. El-rei a nenhum argumento atendia, absorvido na grandeza e fausto dum palácio que há pouco adquirira.

Um dia, deu-se o inevitável. O povo dum a província, revoltou-se. El-rei, apavorado, chamou o seu primeiro ministro e disse-lhe:

— «Que havemos de fazer?»

— «Nada mais fácil, Magestade. Mandaremos à província o Zacarias, que é esportíssimo. Ele vai, faz-se

muito amigo dos revoltosos e leva-os a uma cilada...»

— «Mas isso é uma traição...» — respondeu el-rei Suzano.

— «Que importa? Revoltaram-se, terão guerra.»

Assim foi. No dia seguinte, Zacarias partiu ao encontro dos amotinados. Conselheiro do rei, o homem procurou captar a simpatia dos rebeldes, intitulado-se partidário destes. Porém, o pior foi que alguns desconfiaram da intenção do enviado e quando êle, ao ver-se descoberto, se preparava para fugir, enforcaram-no.

A revolta alastrava. El-rei chamou um general e perguntou-lhe, cada vez mais aflito, quais as medidas a tomar.

— «Mandar, prontamente, um grande exército ocupar a região rebelde. E que não haja contemplanções...»

O general partiu, com grandes tropas. Bateu-se com o inimigo e, quando voltou, foi recebido como um herói. Mas, daí a semanas, chegaram a el-



rei más novas: três províncias estavam, agora, em pé de guerra.

Então, desanimado, el-rei perguntou a um pobre velho que encontrou no caminho:

— «Que hei-de fazer, velho, para que volte a tranqüillidade ao reino?»

Sorriu o velho e, pausadamente, perguntou:

— «O que motiva a revolta?»

El-rei Suzano embatucou. Não esperava aquela pergunta. Mas o velho retorquiu, com viveza:

— «A causa da revolta é a fome e esta não se combate com traições nem com armas.»

— «Então, que devo eu fazer?»

(Continua na página 7)



O CÃOZINHO — (Continuado da página 1)

Sentou-se, novamente, numa pedra, açabrunhado, quando apareceu um cãozinho que, colocando as patinhas nos joelhos de Leonel, olhou tão suplicante para o pedaço de pão que o rapaz comia, que êste, sem hesitação, lho deu.

Notou que o animal trazia na coleira, uma grande chapa metálica. Interessado, leu a direcção gravada. Então, segurando no cãozinho, encaminhou-se para uma rua arborizada ao mesmo tempo que dizia:

— «E' um cãozinho que se perden! Como os donos ficarão contentes ao rehavê-lo.»

E pensando na alegria que ia causar, apressou o passo, até chegar ao seu destino.

Qual não foi a surpresa de Leonel, quando, ao entregar o animal, uma se-

nhora lhe deu uma nota de cem escudos, dizendo serem as alviças que anunciara no jornal.

A alegria da mãe do garoto foi imensa quando o filho lhe entregou o dinheiro e lhe contou o sucedido.

— «Foi Deus que te recompensou, por teres repartido, com o pobre velhinho que encontraste, parte das esmolas que recebeste.»

E abraçando muito o filho, contente e feliz, disse-lhe meigamente.

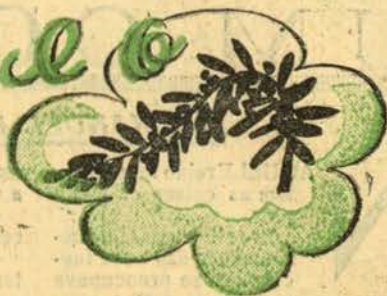
— «Deus ajuda sempre os meninos bons e justos como tu.»

E o sol, entrando de mansinho pela janela, veio beijar os cabelos de Leonel, como um beijo divino.



★ A vassoura e o alecrim

POR LAURA CHAVES



MESMO ao canto do jardim, vivia, em certo canteiro, um tal senhor Alecrim orgulhoso e altaneiro.

Quando chegava a noitinha e a lua o vinha aspirar, melhor perfume êle tinha para dar cheiro ao luar.

Por isso era um toleirão, e a todos tratava mal, a tudo punha senão desde o jardim ao quintal.

Uma Vassoura existia para limpar o jardim, que nos nervos lhe bulia ao tolo do Alecrim.

Ao vê-la varrendo, em tôrno, logo êle se punha à espreita e troçava do pioro de que a Vassoura era feita.

Chamava-lhe erva daninha, engoiada, velha peca,

e a pobre da Vassourinha inda ficava mais sêca.

Porém, como na existência, ninguém conhece o seu fado, pela sua impertinência o tolo foi castigado.



Deu maleita no Alecrim, que o bom cheiro lhe levou, um bicho, ou coisa ruim, que num instante o secou.

Pensava o pobre, vexado: «Já sei o fim que vou ter: em vassoura transformado... palavra que isso é descer!»

Mas qual! Foi para o fogão e foi, então, que se viu que a rama do toleirão nem para varrer serviu.

A Vassoura comentou: — «Era bonito mas fútil... Mais vale ser como eu sou, antes ser feia mas útil.»

Também na vida é assim mas quanto melhor não fôra, por cada pé de alecrim, nascerem cem de vassoura.

A MÔSCA NAS TÊRMAS

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

NA cidade, em casa duns velhotes, vivia certa mosquinha vida respeitável e fácil.

Comia quando os velhos comiam, dormia quando êles dormiam e descansava o seu bocado na réstea de sol, quando êles faziam a sua sesta.

Como os velhotes eram gulosos, até tinha doce todos os dias, ao jantar! Finalmente, a nossa mosquinha não tinha preocupações pelo dia de amanhã e por isso considerava invejável a sua situação.

Mas veio o inevitável destruir de todo aquele bem-estar.

Um dia, entrou pela janela um mosquito chamado *Destino*, que lhe pôs a cabeça à razão de juros!

Zumbindo grosso, zumbindo fino, o tentador não se calava.

Vinha directamente das têrmas.

Ali encontrára árvores frondosas, batidas por ares saudáveis e comida à farta.

Mas o que mais o encantára, fôra a sociedade moscatel que frequentava aquele sítio.

Dansavam grandiosas farândolas de entontecer e petiscavam, nos intervalos, sangue tirado sem transfusões complicadas do *consumido* para o consumidor.

Era um regalo de mão cheia! Tais minhocas meteu na cabeça da ingénua mosquinha que está decidiu meter asas a caminho.

Não foi sem sobressalto, no entanto, que se despediu do fio eléctrico da suspensão da casa de jantar, onde passava a noite, da tijela de fios dourados, senhora de certo doce de que tanto gostava e da respeitável careca do velhote, onde fazia glissagens rápidas, emocionantes.

Com a lágrima ao cento do ôlho, lá partiu, uma manhã, em direcção ao Rossio e vá de tomar poiso no vagão restaurante. Pouca prática em viagens, e o trepidar do combóio fizeram com que caísse em certo molho complicado, que experimentara provar. Ali se ia afogando.

Foi êste o seu primeiro banho de imersão.

O resto da viagem passou-o a lavar-se, a pentear-se, a escovar-se e a alimentar-se, porque o molhinho era, na verdade, bem saboroso.

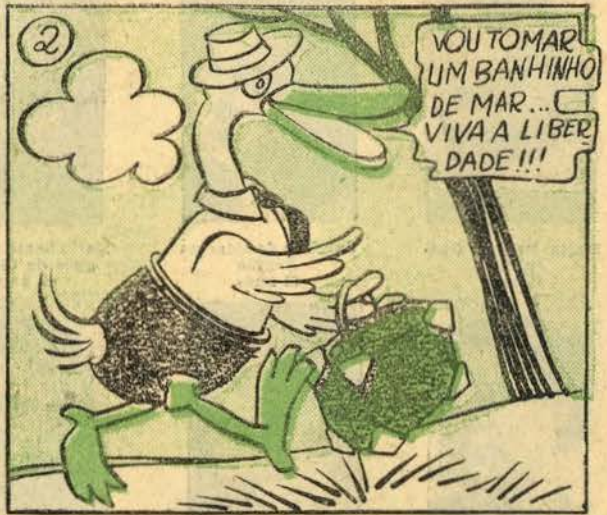
Muitas horas levou nisto, até que chegou às cubiçadas têrmas.

Logo fez conhecimento com as tais mósca da sociedade selecta, de que lhe falara o mosquito.

Não ouvia senão zumbir: — «você para aqui, você para ali...»

(Continua na página 6)

A DESOBEDIÊNCIA É SEMPRE CASTIGADA



★ INTERCÂMBIO EPISTOLAR ★



Maria Regina Guanhilo
19 anos



Gabriela de Meneses Negrão
16 anos



Maria Beatriz Rodrigues de Oliveira
17 anos



Anzenda da Silva
19 anos



Romanita do Rosário Rodrigues
14 anos



Armanda de Oliveira
18 anos



Alice do Rosário Rodrigues
16 anos



Maria Lucinda de Lima
17 anos



Albertina do Rosário Garcia
19 anos



Marli Luiza Moreira da Costa
17 anos

A MÔSCA NAS TÊRMAS

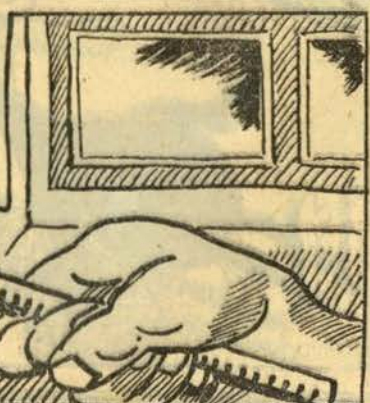
(Continuação da página 4)

Aprendeu com elas a delícia de tirar sangue humano do animal mesmo vivo.

Provou, gostou e começou a sua existência de mosca termal, com todo o entusiasmo. Adaptou-se de tal forma à nova vida, que já nem se lembrava da antiga casa da cidade, da careca do velho e da tijela do doce.

Agora, era uma mosca elegante, com os hábitos da alta sociedade moscatel.

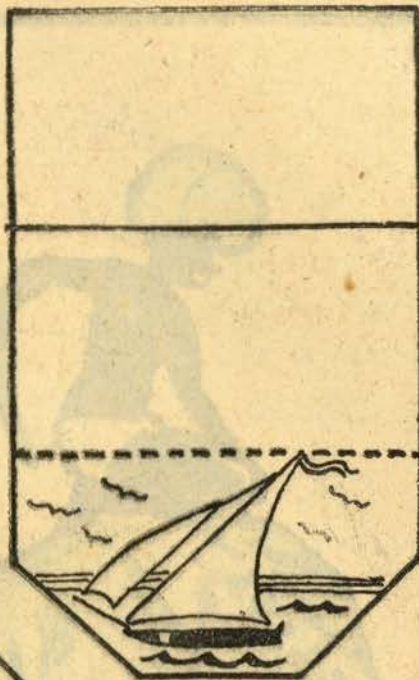
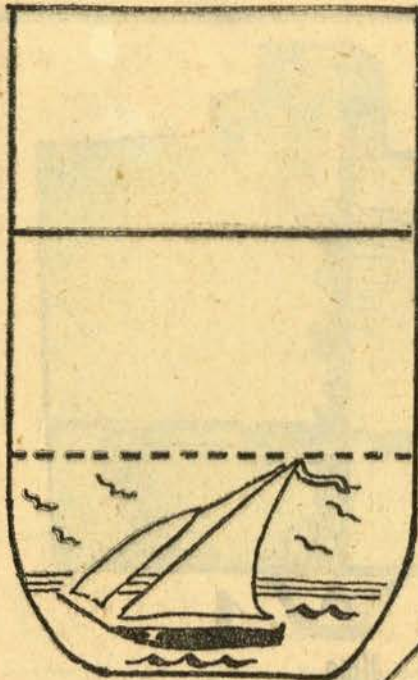
Só no momento em que, descuidada, dansava a rumba mais moderna do seu repertório, quando sobre ela desabou certo cataclismo, em forma de pá de rede, é que ela sentiu passar nas suas asitas uma rápida saúde de tudo quanto deixara, tão levemente. Pás!... e café de pernas ao ar, agitando, ainda vagamente, uma pata, talvez no adeus supremo ao passado distante!



SECÇÃO DE BORDADOS E PINTURAS

Por ARLETE LOPES NAVARRO

reproduzir este simples desenho, tendo o cuidado de o ampliar. Bordareis a «ponto pé de flôr», chamado vulgarmente



Às meninas que estão nas praias, eu dedico esta secção. Nas horas em que o sol prateia as águas, tornando-as luminosas, enquanto as vossas mães fazem *tricot*, *crochet*, ou bordam lindas toalhas, podereis, sentadinhas sôbre, a areia brilhante e abrigadas dos raios solares sob o vosso tóldo, fazer este guardanapo e o respectivo saquinho para o guardar. Em linho de côr, podereis

«ponto russo». Em cima, tendes dois modelos de saquinhos. Dobrálos-hão, quando acabarem de os bordar, pela linha recta, cosendo-os, depois de os terem sobreposto. Da experiência fácil, obtereis um trabalho feito pelas vossas hábeis mãozinhas. Vereis como as mãezinhas ficarão contentes, vendo-vos, curiosas e atentas, acompanhando-as e demonstrando-lhes as suas habilidades.

Uma aldeia Indígena

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Publicamos hoje mais alguns detalhes desta construção que, depois de armada, formará um engraçado brinquedo que devem conservar como recordação da vossa habilidade manual. Não esquecer colar todas as peças, que a constituem, em cartolina bem forte, recortá-las e colá-las. O crocodilo deve ser dobrado ligeiramente ao meio do lombo e às patas deve dar-se uma leve inclinação, para dar a impressão de estar de pé.

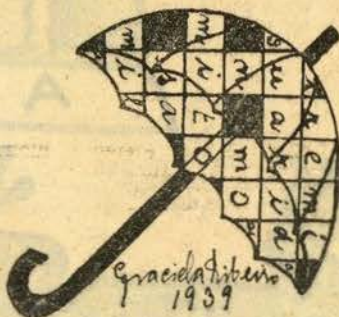
UM CONTO

(Continuado da página 3)

— «Em vez de mandardes homens e armas, enviai àquela pobre gente o alimento de que necessita. E, Real Senhor, lembrai-vos de que não sois soberano apenas para enfeitar o palácio, caçar e oferecer banquetes aos monarcas estrangeiros.»

O velho retirou-se. El-rei Suzano voltou ao palácio, meditou e seguiu

PALAVRAS CRUZADAS



SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

nova linha de conduta. Acabou com os impostos, deu as suas riquezas ao povo, mandou dar pão e outros viveres aos camponeses e nunca mais, naquele reino longínquo, houve sinais de revolta...

Amôr de Mãe

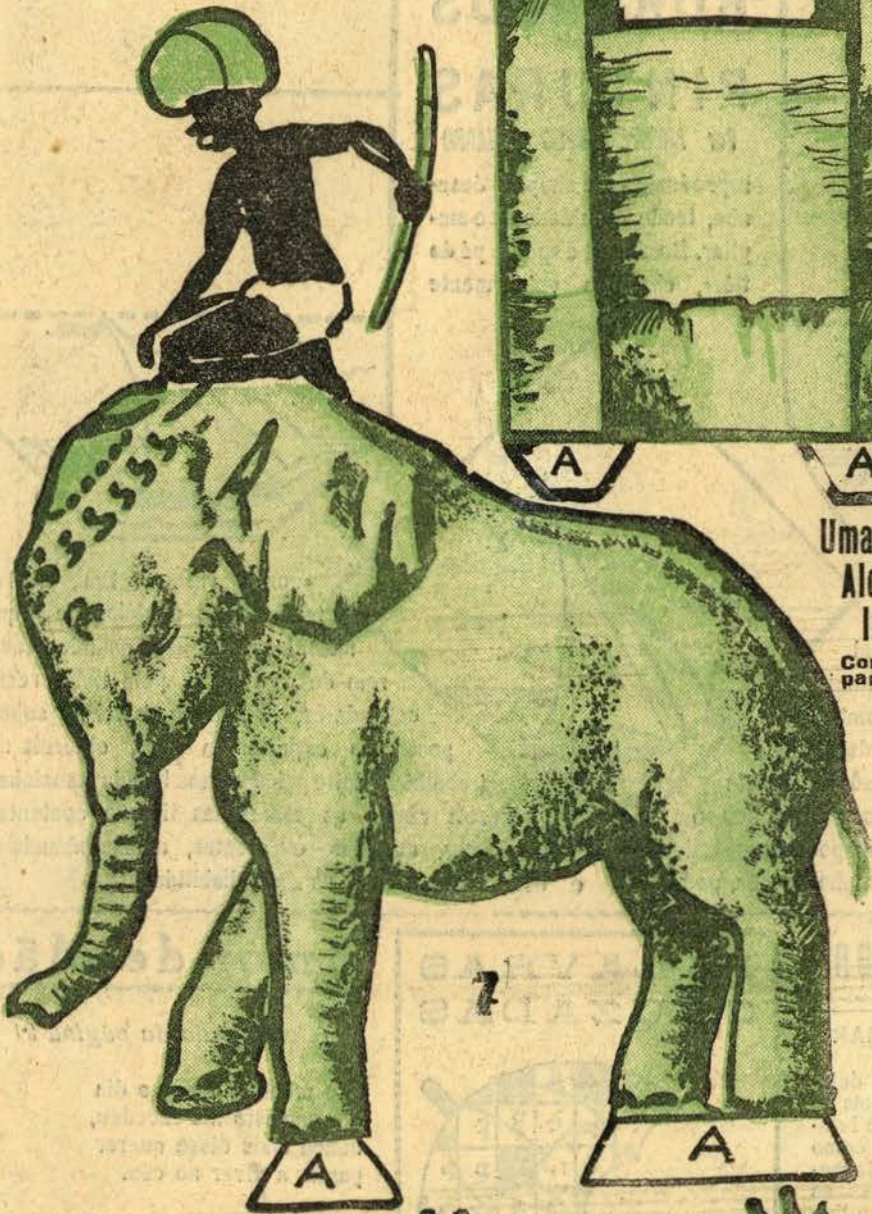
(Continuado da página 2)

E o menino, desde o dia em que isto lhe sucedeu, nunca mais disse querer passar a viver no céu.

Calou-se a Mãe e o Bêbé ficou meditando um pouco. Depois, quasi sufocado, abraçou-a com carinho, pois Bêbé era traquinas mas tinha bom coração.

É que, enfim, compreendia que seja qual fôr o bem, nada se pode igualar ao amôr da nossa Mãe!

Fim



Uma
Aldeia
Indígena
Construção
para armar

